

Diálogos

ISSN 2177-2940



O terreiro e a universidade: estudo de caso etnopsicológico em um terreiro de Umbanda de Ribeirão Preto-SP, Brasil.

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v25i3.60114>

Fabio Scorsolini-Comin

 <https://orcid.org/0000-0001-6281-3371>

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br

Alice Costa Macedo

 <https://orcid.org/0000-0002-0955-1218>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-BA, Brasil. E-mail: alicecostamacedo@gmail.com

The terreiro and the university: ethnopsychological case study in a Umbanda terreiro in Ribeirão Preto-SP, Brasil.

Abstract: The aim of this study is to discuss the meanings produced about the relationship between University and terreiro. This is an ethnopsychological case study carried out in an umbanda terreiro in Ribeirão Preto-SP. The main meanings highlight the terreiro as a locus of knowledge that, at times, serves the interests of researchers. It is recommended that these interests are shared in the community, reducing the distances between these spaces. It is concluded that the knowledge produced in the terreiro should inhabit the University not as an object, but as a source of useful knowledge for the construction of a more inclusive university that values ancestry.

Key words: Umbanda; Religion; Ethnopsychology; University.

El terreiro y la universidad: estudio de caso etnopsicológico en un terreiro de Umbanda em Ribeirão Preto-SP, Brasil.

Resumen: El objetivo de este estudio es discutir los significados producidos sobre la relación entre Universidad y terreiro. Se trata de un estudio de caso etnopsicológico realizado en un terreiro de umbanda en Ribeirão Preto-SP. Los principales significados destacan al terreiro como un locus de conocimiento que, en ocasiones, sirve a los intereses de los investigadores. Se recomienda que estos intereses sean compartidos en la comunidad, reduciendo las distancias entre estos espacios. Se concluye que el conocimiento producido en el terreiro debe habitar la Universidad no como un objeto, sino como una fuente de conocimiento útil para la construcción de una universidad más inclusiva y que valore la ascendencia.

Palabras clave: Umbanda; Religión; Etnopsicología; Universidad.

O terreiro e a universidade: estudo de caso etnopsicológico em um terreiro de Umbanda de Ribeirão Preto-SP, Brasil.

Resumo: O objetivo deste estudo é discutir os sentidos produzidos sobre as relações entre universidade e terreiro. Trata-se de um estudo de caso etnopsicológico realizado em um terreiro de umbanda de Ribeirão Preto-SP. Os principais sentidos destacam o terreiro como locus de conhecimento que, por vezes, coloca-se a serviço dos interesses dos pesquisadores. Recomenda-se que esses interesses sejam partilhados na comunidade, diminuindo as distâncias entre esses espaços. Conclui-se que os saberes produzidos no terreiro devem habitar a universidade não na condição de objeto, mas de fonte de conhecimentos úteis à construção de uma universidade mais inclusiva e que valorize a ancestralidade.

Palavras-chave: Umbanda; Religião; Etnopsicologia; Universidade.

Recebido em: 15/07/2021

Aprovado em: 01/09/2021

Introdução¹

As relações entre a universidade e as comunidades tradicionais de terreiro nem sempre têm sido devidamente problematizadas na literatura científica. Quando feitas, devem, indubitavelmente, apartar-se de perspectivas utilitaristas, colonialistas, racistas e epistemologicamente centradas em uma assimetria entre pesquisador e pesquisado, sendo o primeiro detentor de um poder, de um saber e de um controle sobre o segundo. Se for feito nessa lógica, o pesquisador situa-se como um elemento externo que visa a lançar uma compreensão acadêmica a uma inteligibilidade nativa que possui modos e formas nem sempre capturáveis por um observador externo e tão estranho a esse contexto de referência. Quando as pesquisas são conduzidas desse modo notamos uma tentativa de cisão entre a universidade e o terreiro, movimento este que tem sido cada vez mais combatido no campo da antropologia, em debates sobre a antropologia simétrica (VIVEIROS DE CASTRO, 2010), a reflexividade (DEFREYNE; MOFRAD; MESTURINI; VUILLEMENOT, 2010), a “ciência da floresta” em uma antropologia no plural, simétrica e cruzada (MENDES DOS SANTOS; MACHADO DIAS JR., 2009) e, por fim, em uma perspectiva mais voltada para a psicanálise, a antropologia analítica (GEFFRAY, 2001). De modo parecido, as perspectivas etnopsicológicas propõem colocar em destaque as etnoteorias produzidas em cada contexto e a necessidade de que o pesquisador esteja suficientemente aberto à escuta e à consideração das mesmas para compreender suas performances (BAIRRÃO; GODOY, 2018; DEVEREUX, 1972; LAPLANTINE, 2010).

As pesquisas sobre os povos-de-santo têm possibilitado diferentes caminhos, tanto de compreensões sobre religião, mediunidade, tradições, sociabilidades, como também dos processos educacionais que performam esse espaço. A produção científica sobre as chamadas pedagogias do terreiro (MACEDO; MAIA; SANTOS, 2019), por exemplo, entendem que espaços de ensino e de aprendizagem não se reduzem à educação formal, e debruçam-se sobre a transmissão de conhecimentos ancestrais produzidos no universo afro-brasileiro. Estudos como esse são interessantes para revelar as múltiplas relações possíveis entre os terreiros, as universidades e as escolas. Esse diálogo visa à construção de campos que versam sobre a potência dos espaços sagrados para a educação, a socialização e a construção de uma sociedade mais democrática, mais acolhedora e comprometida com o combate ao racismo e à intolerância religiosa, em uma perspectiva de resistência cultural e de preservação dos saberes ancestrais.

Em que pese a importância do movimento supracitado e de relevantes contribuições no

¹Para a realização do presente estudo, o primeiro autor agradece ao CNPq pela bolsa de Produtividade em Pesquisa (Processos 303251/2017-4 e 306832/2020-8). A segunda autora agradece à FAPESP pelas bolsas de doutorado (Processo 12/17036-5) e de estágio no exterior (Processo 13/26071-1), todas sob orientação do Prof. Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão.

campo das atividades extensionistas nos últimos anos (MOURA; RAMOS, 2017), a universidade ainda se mostra apartada dessa realidade, motivo que nos convida à escrita do presente artigo. Nesse sentido, ao inspirar-se em tais pesquisas e atividades de extensão, a presença do acadêmico nos terreiros deve se afastar da lógica positivista que reforça o espaço ritual como *locus*, como receptáculo-depositário, e não como potência na produção de conhecimentos tradicionais e que também podem promover inovações nos modos de olhar o humano e produzir etnoteorias sobre a transmissão de saberes, de interpretação, de cura, de acolhimento, de cuidado.

Os terreiros de umbanda são, em essência, espaços de aprendizagem, em grande parte, referida como prática (BERGO, 2011), dando voz, vez e sentido ao papel do corpo e da experimentação (BAIRRÃO, 2019; CSORDAS, 2008). Não se pode circular por esses espaços sem uma mínima abertura para aprendizagens várias em termos de rituais, costumes, tradições, comportamentos, gestos, movimentos, cores, sons, sabores, cheiros e diversas afetações. Além disso, deve-se atentar ao fato de que os terreiros ocupam uma função essencial em muitas comunidades, sendo um espaço de resistência cultural, de pertencimento e também de acolhimento e de proteção em relação a vulnerabilidades sociais (RABELO, 2015).

Por essa perspectiva, o contato da universidade com o campo afro-brasileiro a coloca como aprendiz ao compreender que a transmissão de saberes ultrapassa a aquisição e o domínio de informações, ao destacar o poder da experiência, da ancestralidade e construção de redes de apoio social em ambientes e sociedades vulnerabilizadas e, muitas vezes, invisibilizadas pelo poder do Estado e mesmo da sociedade. Assim, os povos tradicionais ensinam que a aprendizagem é compreendida como um processo de vida, de tornar-se, de vir-a-ser, de ser, de fato. Embora a produção científica na educação dedicada ao tema ainda seja insipiente, há que se registrar o modo como essa discussão vem sendo amplificada nos últimos anos.

O papel do pesquisador também é um tema bastante debatido nos meios acadêmicos, tarefa conduzida, em grande parte, pela antropologia e por sua presença em campo (CHIESA, 2020; SILVA, 2015). Essa presença, descolando-se da fantasia ou da pretensa busca por uma neutralidade, põe em voga a reflexão sobre o modo como o pesquisador pode se relacionar com o seu universo investigado, permitindo-se afetar pelo campo (FAVRET-SAADA, 2005). Na psicologia essa discussão também tem sido evocada (SCORSOLINI-COMIN, 2015), sobretudo considerando o advento das chamadas pesquisas-participantes (BAIRRÃO, 2019).

No domínio ético essa discussão também atravessa o modo como as pesquisas de campo, situadas nas ciências humanas e sociais, têm sido apreendidas por agências como o Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que orientam a organização dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP). Importantes conquistas foram possíveis a

partir da Resolução nº 510, de 2016, que trata especificamente dos estudos conduzidos nas ciências humanas e sociais. No entanto, ao longo do tempo, nota-se que, muitas vezes, a Resolução nº 510 é resumida – ou reduzida – a uma versão mais atualizada da Resolução nº 466, de 2012. É importante assumir, de fato, as especificidades trazidas em função da Resolução nº 510, ampliando as possibilidades de que as posições de pesquisadores e pesquisados possam ser tensionadas em uma perspectiva de respeito à ancestralidade, aos modos de funcionamento das comunidades tradicionais e às suas inteligibilidades (SCORSOLINI-COMIN; BAIRRÃO; SANTOS, 2017).

Tais apontamentos têm permitido a reflexão sobre como vêm sendo construídas as relações entre pesquisadores (universidades) e pesquisados (no caso, terreiros), aqui neste estudo especificamente tomando por base as investigações realizadas *em e com* as comunidades tradicionais afro-brasileiras. A entrada nesse espaço sagrado não está condicionada a um pertencimento a essa comunidade, embora esse marcador possa ser frequentemente encontrado em diversos estudos em religiões de matriz africana, sendo o pertencimento religioso uma possibilidade narrativa e de uma profunda compreensão sobre o modo como esses grupos são organizados e podendo produzir, de fato, uma inteligibilidade própria desse contexto de relações (SILVA, 2015), sustentada na experiência do próprio corpo em campo.

Em estudos nos quais os pesquisadores não pertencem originariamente a essas comunidades também encontramos referências positivas de sua inclusão nesse universo, o que ultrapassa a clássica premissa de um trabalho de campo realizado apenas durante as cerimônias rituais, por exemplo, mas de um trabalho mais denso, visando à compreensão das sociabilidades e dos modos como são vivenciadas e produzidas *nesse e por* esse terreiro (CAMARGO; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2018; MACEDO, 2015; ROTTA, 2014). A participação em rituais e nas sociabilidades do terreiro possibilita um olhar menos estrangeiro, podendo afetar-se na experiência do contato, da convivência, da realização de algo em comum.

Compreende-se que esses movimentos que posicionam ética e politicamente o pesquisador acerca da sua relação com o campo tendem a não produzir como efeito uma apropriação do terreiro apenas como um *locus* de pesquisa, mas como espaço de socialização e de vida, recusando a associação do outro como “objeto”. Essa interpretação permite que as relações entre as comunidades e a universidade possam se sustentar não mais na assimetria de poder, mas na cooperação, na produção coletiva, no modo como cada um desses espaços pode habitar o outro.

Visando a problematizar esses processos, o objetivo deste estudo é discutir os sentidos produzidos sobre as relações entre universidade e terreiro. Ele será conduzido a partir de uma pesquisa realizada em um terreiro de umbanda localizado no município de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo. Especificamente para a abordagem desse tema serão trazidos três casos de

médiuns dessa comunidade buscando compreender de que modo essas narrativas podem atravessar ou costurar também os percursos relacionados à universidade.

Persurso metodológico

Trata-se de um estudo de caso etnopsicológico. O estudo de caso etnopsicológico tem por objetivo discutir, a partir da seleção de determinadas histórias, situações e experiências ocorridas em um dado contexto de referência, o terreiro, aspectos ou elementos que não narram apenas sobre perspectivas individualizantes de seus protagonistas/interlocutores, mas sobre processos coletivos de interação e de desenvolvimento. Nesse sentido, não se resumem essas histórias a exemplos específicos ou a marcadores individuais, mas engaja-se com uma abordagem coletiva, situada social e culturalmente, em um compromisso também com a construção de uma inteligibilidade nativa e atenta às etnoteorias produzidas e corporificadas nesses casos. Assim, eles pertencem a uma coletividade e, por isso, só podem ser compreendidos dentro dessa lógica nativa e habitada por diferentes etnoteorias que devem ser escutadas pelo pesquisador em seu trabalho de campo (SCORSOLINI-COMIN, 2020a).

Em termos éticos, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CAAE 88314618.9.0000.5393) a partir da Resolução nº 510, de 17/04/2016, do Conselho Nacional de Saúde, que trata das especificidades das pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais. Além disso, os participantes consentiram com a publicização de suas imagens e de informações pessoais, como seus nomes e a identificação da comunidade, haja vista o seu emprego para a realização de estudos científicos (SCORSOLINI-COMIN; BAIRRÃO; SANTOS, 2017). Compreendemos que essa identificação, no presente estudo, é um elemento importante no sentido de valorização do espaço representado pelo terreiro, processo este também empregado por diferentes pesquisadores na mesma comunidade (MACEDO, 2011; 2015; ROTTA, 2010; 2014; SCORSOLINI-COMIN, 2020b).

Este estudo foi desenvolvido em um terreiro de umbanda localizado na cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, Tenda de Umbanda Oxalá e Iemanjá, cujo pai de santo é o senhor Antonio Henriques, conhecido popularmente como Toninho. Os registros que compõem este estudo foram coletados a partir do trabalho de campo de dois pesquisadores ao longo do período de 2005 a 2018, período no qual atuaram diretamente na comunidade, inicialmente apresentando-se como pesquisadores e posteriormente sendo posicionados como cambonos (entendidos na liturgia da Casa como auxiliares de cerimônia), exercendo concomitantemente diversas atividades. O convite para serem cambonos partiu do pai de santo da comunidade, haja vista o interesse dos pesquisadores em acompanhar tanto os processos de incorporação e de desenvolvimento mediúnicos

como o contexto da oferta de consultas à comunidade. Nessa posição, era possível observar esses eventos mais diretamente, de modo que aqui se destaca a referência a um duplo pertencimento dos pesquisadores, tanto como membros da universidade como da comunidade religiosa.

Além disso, um dos pesquisadores, ao longo desse tempo de permanência em campo, ocupou a posição de psicoterapeuta, devido à sua formação em Psicologia, desenvolvendo atendimentos a médiuns e a demais membros da comunidade. Esse trabalho ocorria tanto no momento das cerimônias religiosas (giras), em um espaço reservado para essa finalidade dentro do terreiro, a fim de contemplar a demanda dos frequentadores, quanto em horários agendados, permitindo a escuta terapêutica de médiuns e de cambonos (SCORSOLINI-COMIN, 2014; 2020b). A oferta desses atendimentos ocorreu tanto pelo pedido de alguns médiuns, diante da presença de um psicólogo na comunidade, quanto também a partir de encaminhamentos realizados pelo próprio pai de santo, ao entender que alguns casos poderiam se beneficiar desse olhar psicológico.

Neste estudo serão apresentados e discutidos em profundidade três casos: (1) do pai de santo deste terreiro, que protagonizou diversos estudos científicos; (2) do irmão do pai de santo, pai pequeno do mesmo terreiro, que é funcionário de uma universidade pública; (3) de uma médium do terreiro, que atua como vendedora informal na mesma universidade. Para a apresentação dos casos são utilizadas diferentes fontes de evidências: relatos obtidos ao longo do trabalho de campo, transcrições de entrevistas, fotografias e dados registrados em diários de campo, configurando o *corpus* analítico. A análise será conduzida pelo referencial etnopsicológico (BAIRRÃO; GODOY, 2018).

O pai de santo e a tese

O terreiro de Toninho sempre esteve irrestritamente aberto aos pesquisadores, professores e estudantes universitários. Diferentes elementos explicam como esse público tornou-se, ao longo dos anos, não apenas frequentador da comunidade como também associado a pesquisas conduzidas nesse espaço ritual. O terreiro localiza-se em uma região periférica e bastante tradicional da cidade de Ribeirão Preto, ladeado por outros dois centros de umbanda e de candomblé, o que nos permite afirmar que se trata de um campo urbano com forte presença de religiões de matriz africana. Esses espaços também mantêm relações de proximidade entre si, como discutidas no estudo de Macedo (2015): Toninho foi o pai de santo de um desses terreiros por um tempo, devido ao falecimento do líder religioso da comunidade (Pai Arnaldo, Tenda de Umbanda Filhos de Iansã), sendo também o pai de santo que formou o atual dirigente do outro terreiro (Pai Marcelo, Centro de Umbanda Caboclo Pena Branca). Trata-se de um bairro majoritariamente habitado por uma população mais idosa, sendo um dos primeiros conjuntos habitacionais que se estruturaram no município.

Nas proximidades, encontra-se uma unidade básica de saúde frequentada por professores e estudantes de uma universidade pública, a Universidade de São Paulo. É nesse equipamento de saúde que docentes oferecem estágios nas áreas de medicina, enfermagem, fisioterapia, terapia ocupacional e psicologia, sendo um local bastante frequentado pela comunidade universitária. O terreiro também está em uma região próxima à universidade e à moradia de muitos discentes. Durante o trabalho de campo foi possível observar, em diversos momentos, a frequência desse público, com o objetivo de conhecer o terreiro ou a própria umbanda.

Outro marcador é a forte presença de pesquisadores e pesquisadoras do campo religioso. Em grande parte, tais acadêmicos são oriundos do Laboratório de Etnopsicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, coordenado pelo Prof. Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão. Ao longo dos últimos 20 anos, os membros desse laboratório, em sua maioria psicólogos, têm se aproximado da comunidade em tela para a realização de estudos de iniciação científica, de mestrado e de doutorado. Assim, a presença de pesquisadores é algo bastante corriqueiro para todos os seus frequentadores e também incentivado pelo pai de santo. Em diversas entrevistas, Toninho relata a sua satisfação em receber esses grupos, que sempre tiveram livre trânsito na comunidade. Uma das justificativas é que o terreiro é um espaço que deve se abrir a todas as pessoas e que, de alguma forma, esses pesquisadores podem contribuir para ampliar as reflexões e olhares sobre a umbanda.

Um aspecto importante nesse sentido é que Toninho nunca se colocou de modo figurativo nessas pesquisas, sempre trazendo questões aos pesquisadores e também, em muitas situações, direcionando o olhar dos mesmos para alguns fenômenos que podiam estar passando despercebidos. É por essa razão que, em alguns casos e de certa forma, Toninho orientava e guiava as pesquisas: sugeria determinados ângulos para as lentes “curiosas” (sejam elas no sentido conotativo ou na própria posição das câmeras), situava cada um em lugares distintos (como cambono, por exemplo), permitia a presença nos rituais, o registro de determinados fenômenos em consultas, a conversa com diferentes interlocutores, a imersão não apenas no espaço sagrado, mas fora dele, no cotidiano de organização do terreiro, ao promover, desse modo, a oportunidade para uma genuína e efetiva observação participante. Trata-se de um pai de santo, enfim, que estava frequentemente abrindo as portas do centro e de sua casa a esses pesquisadores, estando disponível para dirimir dúvidas, conceder entrevistas, falar de sua história e narrar eventos significativos ocorridos no terreiro e em sua longa história com a umbanda, de mais de 40 anos.

Um dos autores do presente manuscrito desenvolveu pesquisa por dez anos ao lado do pai de santo, que teve a sua história de vida costurada à história do terreiro e, de certo modo, à narrativa própria da umbanda no município de Ribeirão Preto e no interior do estado de São Paulo. A figura

de Toninho também está presente em outros estudos do Laboratório de Etnopsicologia da Universidade de São Paulo, como na dissertação de mestrado de Macedo (2011) sobre a espiritualidade na umbanda; além da dissertação e da tese de Raquel Redondo Rotta (2010; 2014), a primeira sobre as entidades conhecidas como caboclos e a segunda sobre a imagem na umbanda, recorrendo ao emprego da fotografia na comunidade, com a participação de diversos médiuns na produção desses registros – e desses olhares. A presença de Toninho também emerge de modo expressivo na tese de livre docência de Fabio Scorsolini-Comin (2020b) sobre a construção de um espaço de atendimento psicoterápico no terreiro em tela, o que foi nomeado pelo pesquisador como a clínica etnopsicológica.

Concomitantemente ao destaque da presença de Toninho nesses estudos, ressoam os diferentes sentidos produzidos na interface com a universidade. O primeiro sentido refere-se à própria história de Toninho, que não concluiu os seus estudos, considerando-se (ele mesmo) como semianalfabeto. Em contraposição a essa escolarização, a sua posição de pai de santo é enaltecida pela comunidade e associada a uma rica caminhada espiritual com vasto conhecimento sobre a umbanda, sobre os rituais e como um terreiro é organizado. É posicionado, dessa forma, como uma figura que representa a sabedoria e pode compartilhá-la com outros. Em sua Tenda de Oxalá e Iemanjá, ele coloca-se sempre disponível a orientar, sobretudo médiuns em processo de desenvolvimento. Durante as giras iniciáticas, ele conduz o ritual, atento a cada detalhe e cuidando para que tudo ocorra da melhor forma. Este é o lugar do seu terreiro: um espaço para aprender, um espaço para ensinar (KATRIB; SANTOS, 2020). Esta é a posição do “sênior semianalfabeto”, o sábio sem a formação da educação formal: o líder religioso, o orientador, o mestre. A lógica do conhecimento atende outra ordem; a transmissão de saberes segue outra lógica; no corpo e pelo corpo, à revelia do acúmulo de erudição e leituras acadêmicas.

Observa-se que os seus saberes também são valorizados e reconhecidos pela universidade, por meio dos pesquisadores. É reconhecido por essa comunidade acadêmica como um pai de santo experiente, com uma história de vida marcante e com grande disponibilidade para ensinar o que sabe. As memórias de Toninho misturam-se à própria constituição e presença da umbanda no município de Ribeirão Preto, uma história que se inicia com a narrativa do adoecimento de um de seus filhos e a sua iniciação na umbanda como uma forma de agradecer pela cura inesperada do mesmo. Toninho passou a frequentar terreiros de umbanda e de candomblé como cumprimento de uma missão diante da graça alcançada, posteriormente passando a incorporar entidades e a se desenvolver mediunicamente, chegando até a posição de pai de santo. Todas essas experiências são frequentemente compartilhadas com os pesquisadores, com os membros da comunidade, os médiuns que estão em formação.

Aqui um forte marcador dessa transmissão de conhecimentos e experiências sobre a umbanda é a oralidade (COSTA; PEREIRA, 2016). Embora possamos ter acesso a uma farta literatura sobre umbanda, com estudos produzidos por fiéis, mediunizados por espíritos e mesmo produzidos por pesquisadores em campos como os da psicologia, da antropologia e das Ciências da Religião, o marcador da oralidade está presente em todas as comunidades. No terreiro em tela esse conhecimento da tradição oral é transmitido por Toninho.

Essa transmissão de saberes inclui também a corporeidade, haja vista que muitos desses conhecimentos são compartilhados pelas entidades espirituais (os guias) através do transe mediúnico. É no espaço das consultas (quando se incorporam os espíritos) que muitas orientações são endereçadas não apenas aos fiéis, aos consulentes, mas também aos médiuns mais experientes e àqueles em processo de formação, de desenvolvimento. Na etnopsicologia não há uma tentativa de separar os conhecimentos do médium dos conhecimentos das entidades por eles incorporadas. Trata-se, pois, de um duplo (GODOY; BAIRRÃO, 2014), de modo que não podemos contemplar médium e entidade como elementos apartados. Desse modo, o pai de santo também oferece informações sagradas e orientações quando está possuído por seus espíritos, endereçando-as aos seus filhos de santo, aos adeptos de sua tenda religiosa, aos estudiosos que o procuram e a toda a comunidade presente, por meio de gestos, rituais, palavras, pontos cantados (músicas sagradas), sinestésias, conselhos, sabores, escutas, cheiros, cuidados, sensações, acolhimentos, prescrições.

Na Figura 1 apresenta-se o registro de um ritual de iniciação ocorrido na comunidade. Ao centro observamos a figura de Toninho, incorporando (em transe de possessão) a entidade conhecida como Pai Benedito do Cruzeiro das Almas, preto velho que frequentemente conduz essas cerimônias no terreiro. Desse registro também participam três médiuns: uma médium (à esquerda) mais experiente e já iniciada que auxilia a cerimônia, oferecendo instrumentos rituais solicitados pela entidade; um médium (à direita), o mais idoso da comunidade e que sempre é convidado a participar devido à sua experiência; e a médium que se encontra deitada, em processo de iniciação.

Quando Toninho é entrevistado, observado e registrado nas diversas pesquisas sobre a umbanda, de algum modo essa oralidade passa a ser corporificada nesses trabalhos. Assim, a sua história assume uma concretude, um registro formal, inclusive reconhecido do ponto de vista científico. Os dados obtidos nesses estudos também são apresentados em congressos científicos por parte dos pesquisadores que frequentam essa comunidade, compartilhando suas histórias e experiências para um público muito mais amplo.



Figura 1: Registro de um ritual de iniciação de uma médium conduzido pelo preto velho Pai Benedito do Cruzeiro das Almas, entidade incorporada por Toninho.

Fonte: Registro fotográfico feito durante trabalho de campo de Fabio Scorsolini-Comin no ano de 2013.

Aqui é importante que se considere o referencial teórico: para a etnopsicologia, que orienta não apenas este presente estudo como também a maioria dos estudos aqui mencionados, é de suma importância conhecer os discursos desses sujeitos. A postura do pesquisador ao ouvi-los não deve ser a de buscar um juízo de valor, de moral ou mesmo de realidade, mas de abertura para a escuta desse posicionamento, dessa explicação, dessa inteligibilidade. Esse discurso aparentemente pessoal e individualizado não se refere apenas a quem fala, mas conclama toda uma comunidade, toda uma forma compartilhada de compreender e de vivenciar determinados conhecimentos. Na posição de pesquisado, Toninho frequentemente se interessa pelo objeto dos estudos. Em uma investigação sobre a mediunidade, por exemplo, o pai de santo aconselhou o pesquisador a ocupar a posição de cambono, a fim de que pudesse observar os rituais “de dentro”, como ajudante (SCORSOLINI-COMIN, 2020b).

Recomendação semelhante foi feita no estudo de Macedo (2015): quando começou a pesquisar a Tenda Oxalá e Iemanjá, ela fazia muitas perguntas ao Toninho, sempre gravava as

respostas e certificava-se se era isso mesmo que estava entendendo e escrevendo. O pai de santo um dia lhe disse: “às vezes você parece burrinha”. Sugere-se que ele estava explicando que a aprendizagem das “coisas de santo” não dependia só de perguntas e respostas na lógica racional; que o pesquisador tinha que estar imerso, mergulhado no acontecer sagrado, permitindo-se ser afetado, para então entender o que se buscava. Foi assim que Toninho convidou a pesquisadora para ser sua cambona e auxiliar os espíritos que ele incorporava no momento dos rituais. Em outras palavras, é como se ele dissesse: é assim que se pesquisa na umbanda. O cambono na Tenda de Oxalá e Iemanjá é chamado carinhosamente de estagiário. É esse o lugar do pesquisador que chega ao terreiro: independentemente de seus títulos acadêmicos e seus estudos, ele será sempre o aprendiz.

Nesses estudos essas recomendações foram seguidas justamente pela necessidade de escuta acerca do campo empírico, de modo que considerar esses posicionamentos e os sentidos emergentes nesse processo é uma forma de escutar o campo, de permitir a fruição de inteligibilidades nativas, de ter acesso a etnoteorias que, de outra forma, não poderiam ser conhecidas. Assim, escutar esses “conselhos” ou sugestões e recomendações é permitir que o pesquisado saia da posição de “objeto”, e possa também ocupar uma posição de condução da narração, de condução do olhar do pesquisador, o que pode trazer benefícios importantes para a investigação de determinados fenômenos.

Uma situação curiosa torna-se emblemática nesse reconhecimento público da figura de Toninho e a sua presença no espaço universitário. Trata-se das apresentações derivadas dos estudos de Macedo (2011; 2015) por meio de painéis em eventos nacionais e internacionais. A pesquisadora, visando a registrar também para a comunidade os trabalhos que vinha desenvolvendo, doou seus três painéis apresentados em congresso: um no Brasil, um em Portugal e um na França. O pai de santo mandou emoldurar os pôsteres e afixou-os em sua sala de TV (Figura 2). Essa mesma sala era empregada nos atendimentos psicoterápicos e, nos dias dos rituais, usada pelas médiuns mulheres como vestiário. Esse espaço também era utilizado por Toninho quando recebia visitas, muitas delas solicitando ajudas e conselhos fora do ritual. Tratava-se, pois, de um cômodo que não era exclusivamente privado, mas habitado por diferentes interlocutores.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; MACEDO, Alice Costa. O terreiro e a universidade: estudo de caso etnopsicológico em um terreiro de Umbanda de Ribeirão Preto-SP, Brasil.

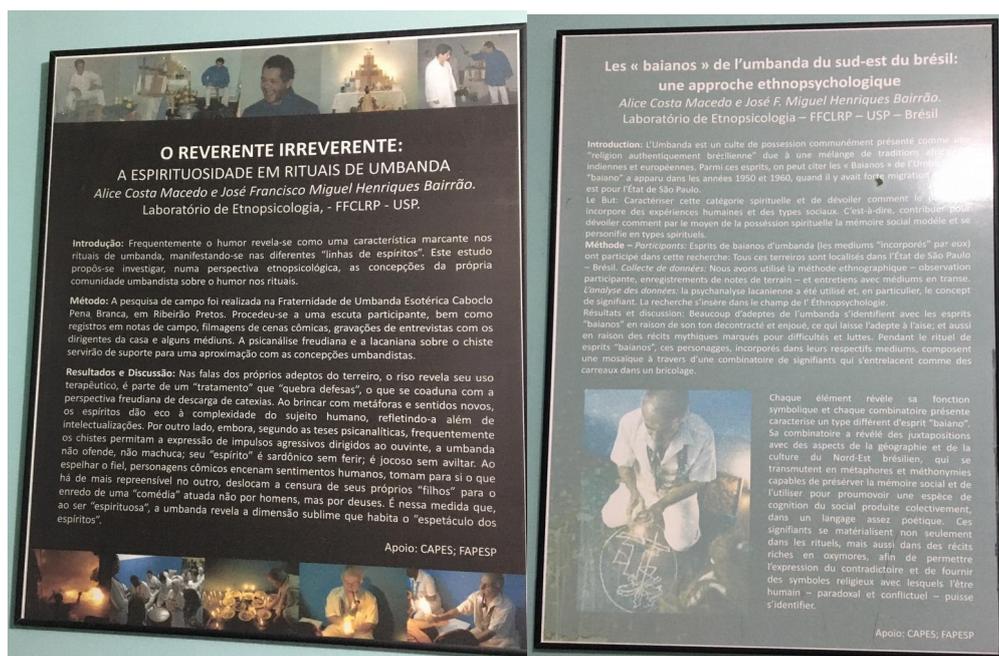


Figura 2: Pôsteres afixados na sala de Toninho.

Fonte: Imagens cedidas pela neta de Toninho (2021).

Essa sala não era um lugar de passagem obrigatória para acesso ao terreiro. A entrada dos frequentadores das giras (às segundas e sextas-feiras à noite) ocorria pela garagem, onde havia diversos bancos de madeira para acomodar tais fiéis, conhecidos como “assistência”. Outro acesso à casa de Toninho dava-se pela área externa, em um pequeno corredor com abertura para a cozinha, por onde muitas pessoas o procuravam para consultas e orientações fora do espaço ritual. Assim, para adentrar a sala de TV era preciso ser convidado pelo líder religioso, ou então ser um frequentador da casa. Esse aspecto é importante de ser narrado, pois Toninho, sempre que alguém chegava ao terreiro ou se interessava pelos trabalhos ali realizados, convidava as pessoas a irem até a sala e mostrava os painéis-quadros. Esse processo dava-se de modo mais expressivo quando algum novo pesquisador ou estudante começava a frequentar a casa religiosa e se interessava pela história de seu líder ou por algum conhecimento mais específico sobre a umbanda. Nessas oportunidades, ele mostrava esse material nas paredes e dizia que havia pessoas da universidade fazendo pesquisas sobre o seu terreiro, que a umbanda era algo importante, que merecia respeito, que a ciência se interessava pela umbanda. Assim, no espaço do terreiro, havia uma dimensão reservada para a pesquisa, para a ciência, para a universidade.

Ao propor uma escuta atenta sobre esse ponto específico, é possível sugerir que, para Toninho, não era a presença da universidade em seu terreiro que agregava valor ao seu fazer na umbanda. Era justamente o inverso: a sua presença nas produções universitárias e a abertura de sua

casa ao olhar desse outro estrangeiro valorizavam os trabalhos acadêmicos. No fundo, ele não queria defender que seu terreiro era muito importante porque despertava o interesse de pesquisadores da USP. Pelo contrário, ele endossava os pesquisadores ali presentes e o seu labor (“a estes eu permito que entrem”) e endossava também a posição ética de seu trabalho umbandista (“a minha casa é aberta a qualquer tipo de “investigação”) e acolhe a todos (tal como se entende que a umbanda deve ser, no seu pilar da caridade), independentemente do que vinham pedir (o que seria a busca pelo conhecimento senão a realização de um desejo do estudioso?).

Emoldurada, a tese ganha quase o status de arte, em uma posição por vezes distante dos pedestais empoeirados da academia. Quando orna as suas paredes com os painéis, o pai autentica os seus sentidos, a escuta que foi ali tecida. Ou seria melhor usar termos técnicos e dizer que ele revalida as conclusões apresentadas? Portanto, o verdadeiro valor desse trabalho acadêmico naquela “exposição” é que ele foi aprovado por seu protagonista como uma produção ética, quando ele se vê representado naqueles escritos e concorda que há nas páginas impressas a sua própria voz.

O pai pequeno funcionário público

Luiz é irmão consanguíneo de Toninho, um pouco mais novo do que ele, falecido no ano de 2020, aos 69 anos de idade, vítima da COVID-19. Era funcionário público, prestando serviços junto à Universidade de São Paulo, no biotério geral. Era iniciado na umbanda e considerado pai pequeno do terreiro, ou seja, o segundo cargo na hierarquia da instituição. Era quem assumia a condução dos trabalhos nos dias em que o pai de santo não estava se sentindo bem, posição esta que, com o tempo, também passou a ser dividida com outros médiuns que foram se iniciando e ganhando maior experiência. Embora fosse um dos médiuns mais longevos do terreiro, não estava presente em todas as giras.

Luiz passou por um processo de iniciação na umbanda bastante influenciado por Toninho e seu percurso, inclusive frequentando os mesmos terreiros que o irmão, ao descobrir-se médium. Embora a família deles se considerasse católica, muitos parentes frequentavam terreiros de umbanda e de candomblé, em um processo conhecido como porosidade religiosa, bastante observada sobretudo em periferias de grandes centros.

Como era mais novo que o irmão, a sua frequência a esses espaços começou quando tinha cerca de 17 anos de idade. Toninho já era mais velho, tendo por volta de 25 anos à época. Segundo seu relato, começou a frequentar a umbanda quando estava sentado à porta do terreiro e um médium o procurou dizendo que uma entidade estava pedindo que ele entrasse e participasse do ritual:

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; MACEDO, Alice Costa. O terreiro e a universidade: estudo de caso etnopsicológico em um terreiro de Umbanda de Ribeirão Preto-SP, Brasil.

Luiz: Aí, o cara parou na minha frente assim, eu: “ô, ô, menino”. Eu falei: “o que foi?” “Ô, Preto Velho mandou te buscar, quer falar com você”. Falei: “Eu? Tá ficando doido? Eu!” (...) “Não, o Preto Velho falou pr’ocê, pr’ocê ir lá”. Falei: “Eu num vou, não”. “Bom, ele falou você não vai se, que é pra você ir lá, que ele quer falar com você”. Falei: “Mas não vou”. “Ué”, ele falou, “não vai, mas, então não vai, ele vai vim te pegar aqui”. “Me pegar aqui?” Eu não entendia nada, né? Eu nem sabia que que era. Ele falou: “ó, pr’ocê ir lá, que isso aí é do teu critério”. Eu falei: “ó, tá bom, uai, então eu vou. Eu vou, mas sem compromisso, não, hein?” Aí, peguei, fui.



Figura 3: Registro de Luiz ao final de uma gira.

Fonte: Registro fotográfico feito durante trabalho de campo de Fabio Scorsolini-Comin no ano de 2013.

Luiz narrou uma série de processos em relação à sua iniciação, como a frequência ao terreiro, os processos de incorporação, o contato com os espíritos e o seu conhecimento cada vez mais aprofundado sobre o que era a umbanda e como esse universo operava. No entanto, em seu relato de vida, destacou um hiato logo quando Toninho passou a ter o seu próprio terreiro, ao final da década de 1990 - Luiz afastou-se um pouco da umbanda e das suas atividades como médium para estudar e prestar um concurso público:

Luiz: Eu tava estudando, comecei estudar pra fazer... (...) Eu comecei a estudar. Eu tinha que estudar, era da USP, né?

Pesquisador: Ah, você foi prestar concurso...

Luiz: É.

Pesquisador: ...na USP?

Luiz: Na USP. Aí tinha que estudar, né, porque fazer faculdade, fazer isso, fazer aquilo. (...) Eu tinha prestado concurso. (...) Mas aquela história, que você tem que...

Pesquisador: Tem que estudar.

Luiz: Prestar concurso, mas você tem que estudar pra... que nem tem, agora, tem um negócio de classificação, tem isso, tem aquilo. (...) Então, você tem que estudar pra, senão você fica lá na... (...) Você presta concurso lá de, tem um negócio lá de classificação lá. Negócio de letra, essas coisas, então você tem que fazer o, o que você faz.

Pesquisador: O memorial.

Luiz: O memorial lá, que você, que você tá, que você tem estudo, tal, tem o primeiro grau, o segundo, o terceiro. Tem o superior, essas coisas. Tem que... (...) O currículo. Pr'ocê. Que nem, se eu tô no Básico 1. Básico 1 B, é o sistema lá do, do sistema deles lá, da faculdade. Que nem o Básico 1 B. Aí, você tem uma, uma, um grau mais superior, eu vou pra Básico 3.

Neste excerto alguns sentidos podem ser discutidos. O primeiro deles faz referência ao modo como a atividade mediúnica e mesmo o pertencimento ao terreiro, a uma instituição, compreendem o processo de desenvolvimento da pessoa para além daquele espaço sagrado. Assim, a comunidade compreende que Luiz precisava estudar para ser aprovado em um concurso público, devendo se afastar de suas atividades como médium por um tempo para investir nessa dimensão do conhecimento formal. Aqui o percurso de formação e de estudo não parece funcionar como uma concessão, mas como uma compreensão de que se tratava de um vértice importante para o crescimento do sujeito em outras dimensões de sua existência. O desenvolvimento da mediunidade não aparece de modo dissociado do investimento no desenvolvimento profissional. Aqui novamente é lícito recuperar o argumento de que médium e entidade compõem uma só estrutura (GODOY; BAIRRÃO, 2014), um mesmo avesso, de modo que o plano espiritual parece aceitar que o fiel se dedique mais intensamente aos seus estudos para conseguir um emprego mais estável, como servidor público.

Há neste caso duas dimensões que se encontram: o engajamento na vida acadêmica (através de estudos em instituições formais de ensino) que levou ao desenvolvimento profissional; e o desenvolvimento espiritual e mediúnico (numa lógica kardecista frequentemente abraçada pela umbanda). Luiz precisou de um tempo distante do terreiro para se dedicar aos estudos, por uma questão pessoal. Por outro lado, a vida espiritual, a acadêmica e a profissional de um fiel não se contrapõem necessariamente. Para Toninho, por exemplo, os estudos eram importantes para o alcance da autonomia e independência do sujeito. Nas palavras do preto-velho Pai Benedito do Cruzeiro das Almas: “você tem que fazer escrevinhador (estudar) para ser dono de si mesmo”.

Porém, segundo ele, o desenvolvimento espiritual não dependia de estudos formais (leitura de escrituras, livros espíritas, cursos de formação para médium, entre outros).

Diferentemente, alguns outros terreiros de umbanda, ao seguirem um pouco a perspectiva espírita kardecista, abrem espaço para uma formação um pouco mais formal, com grupos de estudo, compartilhamento de textos, livros, leituras, cursos, palestras para os médiuns. Já Pai Toninho nunca foi muito adepto desse estilo. Certa vez, alguns médiuns de sua Tenda fizeram um pedido para que ele desse um curso semanalmente. Ele acolheu a inquietação dos fiéis, mas, em última instância, o grupo de estudos transformou-se em um espaço de contação de suas belas histórias e memórias e em um compartilhamento de suas ricas experiências. A iniciativa durou muito pouco tempo.

Diferentemente dos espaços universitários (onde primeiro vem a teoria e depois a prática), o fazer, o ensinar e o aprender na umbanda de Toninho não aparecem cindidos, pois todos dependem da vivência, da experimentação, da corporeidade, da imersão. Toninho tinha uma frase muito emblemática sobre essa questão: “como diria minha neta, ado-a-ado, cada um no seu quadrado”, fazendo referência ao sucesso da Dança do Quadrado cantarolada por sua netinha, então pré-adolescente. E concluía: “lugar de rezar é lugar de rezar... lugar de estudar é lugar de estudar”.

Em um episódio, ele foi convidado por um outro pai de santo que transitava entre os dois universos (o religioso e o acadêmico) a participar de uma mesa redonda na USP e prontamente recusou. A sua relação com a universidade parecia assumir outros “enquadres”, não dependendo de sua presença física nos corredores uspianos. Toninho parecia não se curvar à lógica universitária e ao seu pensamento acadêmico, seu modo de operar, seu modo de fazer e aos modelos de transmissão de ensino através de aula, cursos e pilhas de papéis. Quando ele precisava assinar os termos de consentimento, por exemplo, sempre dizia: “por que eu tenho que escrever aí? Minha palavra é que tem valor, não o papel”. Embora reconheça a importância dos estudos e tenha incentivado o irmão, embora tenha valorizado os painéis emoldurados e as teses encadernadas, Toninho sempre entendia que a umbanda impressa no papel talvez corresse o risco de ser cristalizada, reduzida, aprisionada. Se fosse para ser assim, que pelo menos se tornassem artes em molduras nas paredes de sua casa.

Deve-se destacar que cada terreiro tem seu modo de agir e de pensar e que esse processo pode ser conduzido de diferentes formas em cada comunidade. É possível encontrar instituições, por exemplo, que trabalham com conhecimentos mais sistematizados, ao posicionar alguns membros da casa como professores e formadores. Como contraponto, portanto, no terreiro de Toninho, a formação de médiuns ocorre no e pelo corpo, pela imersão, pelo elemento vivencial, pelo encontro singular de cada fiel com o sagrado. O processo de aprendizagem aparece de modo

expressivo na história de Luiz quando ele estava frequentando outro terreiro (bem maior, com maior número de médiuns e bastante conhecido na cidade), anterior ao seu ingresso na Tenda Oxalá e Iemanjá de seu irmão:

Pesquisador: E, conta pra mim assim, como que era, é, você comentou que você tinha umas aulas lá na, no Terreiro do, do Pai Xangô.

Luiz: Lá, lá tinha aula de...

Pesquisador: Como que eram essas aulas?

Luiz: Uai, aula lá é como negócio de como você tratava um Orixá, coisa de espiritismo, essas coisas. É aula de, da pessoa, que nem, como você, você trata.

Toninho: Aula, que ele fala, assim, pra estudar como acender uma vela, como você vai fazer um...

Luiz: Banho de descarrego.

Toninho: Como vai fazer um banho de descarrego. Como que você tem que chamar um Orixá. Como é que você tem que chegar perto. Tem Orixá que tem que falar: “Kaô, meu Pai, Kabecilê, meu Pai”. Quer dizer, “preciso da Vossa presença pra cumprir minha obrigação”. Tem que aprender essas coisas.

Pesquisador: Cada Orixá, você vai saudar de um jeito.

Luiz: Quando, quando você vai, quando você vai pra uma, fazer um trabalho numa encruzilhada, ou uma, uma, uma mata. Se você for na mata, você não pode entrar numa...

Pesquisador: Sem pedir permissão.

Luiz: (...) Você tem que pedir o dono da mata.

Toninho: Você tem que pedir permissão.

Luiz: Pedir permissão pro dono da mata.

Toninho: Você tem que falar pro Exu da Mata, né, Exu da Mata, que eles fala Exu da Mata, depois você saúda os anjos, depois você saúda lá o Oxóssi, senão você não entra na mata.

Luiz: Tem que pedir permissão, principalmente, na encruzilhada. Na encruzilhada, se você vai fazer um trabalho na encruzilhada, você tem que saudar os quatro canto, pedir, pedir autorização pro... porque se você chegar lá e arriar as coisas lá, ó, você leva um (termo pejorativo) que você não sabe nem do que você tá apanhando.

Nesse trecho, Luiz e Toninho comentam sobre como eram as “aulas” no terreiro que ambos frequentaram anteriormente. Ambos passaram por esse processo formativo por ser uma exigência da antiga Casa. Segundo eles, na formação aprenderam diversos processos que hoje realizam, relacionados ao cotidiano de um terreiro. Embora esses sejam saberes bastante valorizados por Toninho e por Luiz, sendo que o terreiro a instituição responsável por oportunizar aos seus médiuns essas informações, esse formato de transmissão do conhecimento (“aulas”) é por eles criticado. Essa crítica também é dirigida a outro terreiro localizado na mesma região em que há aulas, palestras e estudos com os médiuns de modo mais formal. Assim, embora tenham passado por esse processo,

não o reproduzem desse modo no terreiro em que atuam.

No caso de Luiz, os processos de ensino e de aprendizagem ocupam um espaço muito importante. Podemos tratar de duas linhas de conhecimentos: (1) as de ordem formal, relacionadas à escolarização e que são importantes tanto para a formação profissional quanto para oportunizar, por exemplo, o acesso ao emprego público ou mesmo a ascensão dentro da carreira como servidor público; (2) as de ordem espiritual, experiencial, relacionadas ao aprender a ser e a fazer dentro de um terreiro, conhecimentos esses que são transmitidos pela oralidade, pela observação e pela experimentação no próprio corpo, como no caso da incorporação.

O significante “universidade” aparece não apenas como um dos microsistemas nos quais Luiz vive, interage e trabalha, mas como o significado de conhecimento, de conquista a partir da sua dedicação aos estudos, de ascensão, de crescimento, de amadurecimento. O ingresso na universidade como servidor público é celebrado como um sucesso, que envolveu uma importante preparação, motivo pelo qual teve que se afastar do terreiro por um tempo para se dedicar aos estudos. Também a ascensão na carreira que ocupa é fruto de mais investimento em educação, em formação, de modo que a universidade é significada como um espaço de constante aprendizado, de necessidade de movimento, de aquisição e de apropriação de diversos saberes, a fim de que não se fique estagnado – e também sem possibilidades de ascender profissionalmente.

As relações entre o terreiro e a universidade podem ser descritas como de muita proximidade a partir deste caso. A universidade é um espaço de acolhimento da diversidade, tornando possível a presença de um pai pequeno de terreiro nesse lugar tradicionalmente frequentado por determinadas classes. O tipo de cargo ocupado por Luiz, de criação e de manejo de espécies animais para as pesquisas de laboratório, revela a compreensão do mesmo sobre o papel da ciência, sobre a importância desse conhecimento – e da relevância dos seus cuidados para que a pesquisa, de fato, possa acontecer. O trânsito de Luiz por esses dois espaços, terreiro e universidade, tensiona uma série de proximidades que se alinham a muitos sentidos compartilhados entre esses microsistemas: como espaços de conhecimento, de troca, de produção de saberes, com reconhecimento da experiência e da dedicação, com a forte presença de um senso de hierarquia, entre outras similaridades. Assim, a experiência de Luiz parece costurar esses dois universos de forma harmônica, de modo que nenhum desses espaços busque transpor ou atravessar o outro, mas sim conviver. A vivência de Luiz corporifica essa integração.

O movimento, o saber intelectual, o transitar, os cruzamentos, a encruzilhada, o biotério da academia habitado por bichos, ratos e cobras: tais significantes associados ao universo acadêmico remetem ao personagem do Exu na umbanda. Segundo Trindade (1985), os Exus são o povo da rua, do universo público do saber intelectualizado e, a partir de uma inversão simbólica, apresenta-se

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; MACEDO, Alice Costa. O terreiro e a universidade: estudo de caso etnopsicológico em um terreiro de Umbanda de Ribeirão Preto-SP, Brasil.

transitando bem no submundo, nas “sombas”, tão distantes dos “espíritos de luz” (tomando de empréstimo uma expressão kardecista muito utilizada nos terreiros de umbanda) do panteão, os caboclos e os pretos-velhos, por exemplo, ambos associados aos personagens iletrados. A propósito, deve-se destacar que Luiz tinha um “panteão pessoal” muito característico e fascinante, permeado por entidades que os fiéis nomeavam como “cruzadas” com os exus.

A cigana e a universidade

Cida é uma médium que tinha um pouco mais de 50 anos à época da entrevista, ocorrida em 2012. Ela estava frequentando o terreiro como cambona e como médium em desenvolvimento. Pouco tempo após a entrevista, no ano de 2013, Cida vivenciou seu processo de iniciação e passou a atender aos consulentes no terreiro, sendo sempre uma médium bastante requisitada para consultas. Mas a história de Cida com a umbanda e com os fenômenos mediúnicos remete à sua adolescência, quando passou a procurar ajuda em alguns centros espíritas para compreender e controlar alguns eventos que experienciava em seu corpo. Em sua história de vida estão presentes tanto relatos de incorporações durante a juventude quanto de menções a presságios e previsões, frutos de visões que ocorriam desde a infância e que podiam ser explicadas, segundo ela, por ter uma ascendência cigana. A origem dos grupos ciganos no Brasil remonta à Península Ibérica anteriormente à chegada dos europeus ao continente americano (BAIRRÃO, 2019).



Figura 4: Registro de Cida durante uma festa de Cosme e Damião no terreiro de Toninho.

Fonte: Registro fotográfico feito durante trabalho de campo de Fabio Scorsolini-Comin no ano de 2013.

Cida atuava como vendedora autônoma em diversos espaços, apresentando seus produtos de beleza, roupas e bijuterias, sobretudo para mulheres. No terreiro ela levava todos os seus acessórios para as médiuns, sobretudo saias brancas para os rituais sagrados.

Um desses espaços nos quais vendia os seus produtos era no campus de Ribeirão Preto da USP. Cida era uma pessoa bastante conhecida na universidade, circulando pelas várias unidades e sendo reconhecida, sobretudo, pelas funcionárias desses setores.

Ela era chamada carinhosamente como “cigana da USP”, a que trazia às mulheres “intelectualizadas” da academia os acessórios e artigos femininos associados a uma popular personagem na linha das pombagiras, conhecida justamente como “a cigana” da umbanda, que se apresenta a partir da habilidade de:

[...] estar em movimento pelos caminhos da vida rumo a um destino sempre em aberto, sem uma meta fixa ou permanente; poder suportar a angústia da coragem do viver aqui e agora, uma recusa da transcendência ou da fuga da vida, necessária para aceitar-se implicado nos caminhos do destino, apropriar-se do acontecido como parte do próprio ser e orientar-se relativamente ao almejado (BAIRRÃO, 2019, p. 216).

Ao apresentar-se desse modo, Cida mostrava um duplo pertencimento: como pessoa que descende de uma família de tradição cigana e como pessoa que faz parte da universidade. Era uma cigana que frequentava a universidade, que conhecia seus meandros e seus personagens – estudantes, funcionárias e professoras, formando uma rede de consumidoras e também de amigas que, ao longo do tempo, foram se aproximando dela.

Cida era descrita como uma pessoa muito querida na universidade, sempre de bom humor, circulando pelos espaços acadêmicos de modo muito célere, mas sempre marcante: são essas também características típicas da entidade cigana da umbanda. Além disso, ela trazia para o terreiro diversas interlocutoras mais próximas, interessadas em conhecer a mediunidade, a espiritualidade. Ou seja, guiava mulheres até à casa-de-santo: a cigana da umbanda é a “mais popular categoria de espíritos da ‘linha do Oriente’, ou seja, espera-se deles orientação” (BAIRRÃO, 2019, p. 216).

Em entrevista, Cida narrou que sempre avistava na “assistência”, buscando atendimentos rituais, pessoas da universidade. Tal como faz a personagem pombagira no panteão afro-brasileiro, ela parecia operar uma rede de relacionamentos, aproximando espaços aparentemente distantes, o universo acadêmico e o sagrado.

Na história de vida de Cida esses espaços – terreiro e universidade – entrelaçam-se de modo bastante harmônico. Isso porque ambos aparecem integrados em sua experiência: o terreiro como

lugar de conhecimento, de identidade, de possibilidade de uma vivência de sua mediunidade e de prestação de caridade; e a universidade, de socialização, de trabalho, de construção de amizades e redes de apoio, como lugar de trânsito. Essa integração dos espaços pode ser observada pelo fato de Cida apresentar-se nesses dois ambientes reconhecendo quem é: no terreiro, era a vendedora da USP; na universidade apresentava-se como cigana e como médium frequentadora do terreiro, não tendo que renunciar ou esconder a sua religiosidade nem a sua ancestralidade.

Enquanto os dois mundos supostamente ambíguos se reúnem harmonicamente em sua identidade, não há qualquer receio, por exemplo, de habitar a universidade e assumir a sua identidade cigana e umbandista, do mesmo modo que pode ser reconhecida como “sacoleira” também no espaço ritual. Esse último movimento pode ser observado pelos produtos que oferece às médiuns durante os dias de gira e pelo modo como integra os espaços de trabalho com os de vivência religiosa/espiritual. Aqui a universidade e o terreiro parecem ser um *continuum* corporificado por Cida de modo integrado.

A partir deste caso, podemos apreender uma experiência de interação entre a universidade e o terreiro, sem que esses vértices se disponham de modo a promover tensões ou mesmo disputas. Juntos, esses dois espaços compõem boa parte da socialização, representando também a sua rede social de apoio, com a presença de amigas disponíveis para a escuta, para a aquisição de produtos e também para seu posicionamento como médium. Esse duplo campo de pertencimento faz coro a uma série de processos narrados na umbanda a partir de sua duplicidade ou de sua natureza anfíbia, de aproximação do diferente, de expressão da diversidade. É a partir dessa metáfora do duplo que muito do conhecimento sobre a umbanda se sustenta (AUGRAS, 1983; GODOY; BAIRRÃO, 2014) e se perpetua, convidando ao encontro, à integração e à possibilidade de uma vida menos cindida, menos fragmentada, mais inteira.

Considerações finais

Os principais sentidos produzidos a partir dos três casos aqui apresentados e discutidos destacam o terreiro como *locus* de conhecimento. O terreiro é significado como espaço sagrado, ritual e de socialização no qual as pessoas devem aprender diversos elementos: sobre os rituais, sobre o processo de incorporação, sobre a mediunidade, sobre os atendimentos à comunidade e sobre a umbanda, assim como lugar de reconhecimento, de pertencimento, de encontro com a ancestralidade.

Também a universidade, nessa experiência, apresenta-se como um *locus* que tem dialogado diretamente com a umbanda e com os seus saberes. Esse diálogo aparece por meio de duas figuras ainda marginais no espaço universitário: de um funcionário técnico, como no caso de Luiz, e no de

uma vendedora ambulante, no caso de Cida. Ao mesmo tempo, na comunidade religiosa são autoridades espirituais buscadas por seus fiéis: curam, escutam, acolhem, cuidam, aconselham.

Luiz é funcionário público, pertence formalmente à estrutura da universidade, sendo responsável pelo funcionamento de sua ciência. Cida revela-se como uma pessoa capaz de circular por dois mundos diferentes e integrá-los em sua experiência. No entanto, na universidade, ainda é compreendida como uma figura extraoficial, que efetivamente não pertence àquele espaço. Se considerarmos que as atividades de vendas como as empreendidas por Cida têm sido fortemente combatidas nos últimos anos dentro dos espaços institucionais, podemos mesmo narrá-la como uma figura clandestina. No entanto, ela é reconhecida pelas pessoas que corporificam essa instituição, é validada, aceita, ganhando livre acesso para uma atividade não mais permitida. Assim, a universidade também se mostra porosa a essa presença, movimento que formalmente tem sido capitaneado pelas ações afirmativas cada vez mais corporificadas ao cotidiano universitário.

Toninho, por sua vez, é reconhecido pela universidade a partir dos seus conhecimentos. Ele representa a umbanda e todo um conhecimento que só pode ser acessado quando esse personagem se dispõe a falar, a narrar, a compartilhar. A universidade, na busca por validar e conhecer saberes que outrora se mostravam apartados dessa realidade, tem permitido cada vez mais a presença dos saberes tradicionais em seu espaço ainda conservador. Assim como outros interlocutores, Toninho também se torna, a partir dos estudos científicos, uma figura reconhecida na universidade. Obviamente que isso não significa, ainda, uma presença física do sacerdote na universidade, mas vem sendo conquistado por outros líderes em outros campi e em outras instituições.

Esses diferentes percursos e trânsitos narrados por Toninho, por Luiz e por Cida são uma forma de retratar e de tensionar as relações estabelecidas entre o terreiro e a universidade. Os casos em tela revelam a potência da circulação desses personagens por dois espaços de modo fluido e contínuo.

A perspectiva etnopsicológica aqui empregada visa a romper com as relações utilitaristas que eventualmente os pesquisadores possam estabelecer com povos de terreiro. Recomenda-se que esses interesses dos pesquisadores sejam partilhados na comunidade, diminuindo as distâncias entre esses espaços. É por essa razão que os procedimentos éticos nas pesquisas conduzidas em comunidades tradicionais devem contemplar não uma série de verificações positivistas consagradas pelos sistemas dos comitês de ética, mas de permitir ao possível participante a construção conjunta de um saber, de um dado, de uma afirmação, de uma conclusão. Promover essa escuta tem sido um desafio assumido por muitas pesquisas das áreas de ciências humanas e sociais a partir da Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde, de 2016 (SCORSOLINI-COMIN et al., 2017).

Os saberes produzidos no terreiro devem habitar a academia não na condição de objeto, mas

de fonte de conhecimentos úteis à construção de uma universidade mais inclusiva e que valorize a ancestralidade. Alguns endereçamentos nesse sentido puderam ser compartilhados neste estudo, como a possibilidade de suspensão de julgamentos sobre a moralidade ou a realidade das diversas manifestações e experiências da ordem do religioso/espiritual, mas de fruição desses sentidos a partir de uma atitude de acolhimento e de possibilidade de efetiva corporificação da ancestralidade nesses espaços formais.

Por fim, há um movimento acontecendo em dupla direção entre universidade e terreiro. Este estudo buscou compreender como um enxerga o outro e como se dá esse encontro. Os acadêmicos sempre adentraram os terreiros: os seus modos de trabalhar em campo vêm mudando ao longo do tempo, mais atentos e abertos a escutar as etnoteorias que o outro tem a lhe oferecer. As populações de comunidades tradicionais têm ocupado o território universitário, chacoalhando as suas estruturas de pensamento, suas epistemologias, suas antropologias, suas ciências, suas lógicas de ensino e de aprendizagem, revolucionando o seu fazer. Há pai de santo que se torna acadêmico, há acadêmico que se torna pai de santo, há quem transite muito bem entre os dois mundos. O fato é que esses encontros podem ser imensamente frutíferos para ambos e para suas compreensões mais profundas do que é o saber, o que é transmitir esse saber e, por fim, como nos tornamos sábios.

Referências

- AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Mulher e verdade: onde mora pombagira cigana? *Interação em Psicologia*, v. 23, n. 2, p. 213-220, 2019.
- BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques; GODOY, Daniela Bueno de Oliveira Américo. Apresentação. In: GODOY, Daniela Bueno de Oliveira Américo; BAIIRÃO, José Francisco Miguel Henriques (Orgs.). *Etnopsicologia brasileira: mosaico e aplicações*. Ribeirão Preto: Editora da FFCLRP, p. 10-18, 2018.
- BERGO, Renata Silva. *Quando o santo chama: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CAMARGO, Ana Flávia Giroto; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. A feitura do santo: percursos desenvolvimentais de médiuns em iniciação no candomblé. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, e189741, 2018.
- CHIESA, Gustavo Ruiz. “A sua religião é a Antropologia”: histórias e (des)caminhos de um antropólogo-aprendiz em um terreiro de Umbanda. *Religião & Sociedade*, v. 40, n. 2, p. 215-236,

2020.

COSTA, Daniel Santos; PEREIRA, Sayonara. Da oralidade popular brasileira a uma dança teatral performativa: o corpo pós-colonial como lugar de experiência. *Conception*, v. 5, n. 1, p. 58-69, 2016.

CSORDAS, Thomas. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DEFREYNE, Élisabeth; MOFRAD, Ghazaleh Hagdad; MESTURINI, Silvia; VUILLEMENOT, Anne-Marie. Intimité et réflexivité: Une introspection du divers. In: _____. (Eds.), *Intimité et réflexivité: Itinérances d'anthropologie*. Louvain-la-Neuve, Belgique: L'Harmattan, 2010, p. 2-15.

DEVEREUX, G. *Ethnopsychanalyse complementariste*. Paris: Flammarion, 1972.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

GEFFRAY, Christian. *Trésors: Anthropologie analytique de la valeur*. Estrasburgo: Arcanes, 2001.

GODOY, Daniela Bueno de Oliveira Américo; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. A psicanálise aplicada à pesquisa social: a estrutura moebiana da alteridade na possessão. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 47-68, 2014.

KATRIB, Caio Mohamad Ibrahim; SANTOS, Tadeu Pereira. O aprender-ensinar na umbanda: desconstruindo olhares, abrindo possibilidades. *Humanidades & Tecnologia (FINOM)*, v. 27, p. 20-34, 2020.

LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. 4ª ed. Trad. V. L. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MACEDO, Alice Costa. *O reverente irreverente: a espíritosidade em rituais de umbanda*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

MACEDO, Alice Costa. *Encruzilhadas da interpretação na umbanda*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

MACEDO, Yuri Miguel; MAIA, Cláudia Braga; SANTOS, Mariana Fernandes. Pedagogia de terreiro: pela decolonização dos saberes escolares. *Vivências*, v. 15, n. 29, p. 13-25, 2019.

MENDES DOS SANTOS, Gilton; MACHADO DIAS JR, Carlos. Ciência da Floresta. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 52 n. 1, p. 137-160, 2009

MOURA, Beatriz Martins; RAMOS, Carla. Saberes tradicionais de terreiro: epistemologias, pedagogias e possíveis diálogos com a universidade. *Revista Calundu*, v. 1, n. 2, p. 5-28, 2017.

RABELO, Miriam C. M. "Aprender a ver no Candomblé". *Horizontes Antropológicos*, v. 21, n. 44, p. 229-251, 2015.

ROTTA, Raquel Redondo. *Espíritos da mata: sentido e alcance psicológico do uso ritual de caboclos na umbanda*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

ROTTA, Raquel Redondo. *Olhares que narram: perspectivas umbandistas de articulação do*

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; MACEDO, Alice Costa. O terreiro e a universidade: estudo de caso etnopsicológico em um terreiro de Umbanda de Ribeirão Preto-SP, Brasil.

sentido. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

SILVA, Vagner Gonçalves. *O antropólogo e sua magia*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2015.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Plantão psicológico centrado na pessoa: Intervenção etnopsicológica em terreiro de umbanda. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 885-899, 2014.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. “Ela não tem explicação, ela tem vida”: A relação pesquisador-pesquisado no contexto de uma investigação etnopsicológica sobre mediunidade. *Cultures-Kairós - Revue d'Anthropologie des Pratiques Corporelles e des Arts Vivants*, n. 5, p. 1-17, 2015.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. O campo minado: recomendações ético-metodológicas para a pesquisa em etnopsicologia. *Vínculo*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 94-117, 2020. (a)

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. *O divã de alfazema*: a clínica etnopsicológica no cuidado em saúde mental. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020. (b)

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; BAIARRÃO, José Francisco Miguel Henriques; SANTOS, Manoel Antônio dos. Com a licença de Oxalá: a ética na pesquisa etnopsicológica em comunidades religiosas. *Revista da SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 18, n. 2, p. 86-99, 2017.

TRINDADE, Liana M. S. *Exu: símbolo e função*. São Paulo: FFLCH/USP-CER, 1985.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibales*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.